

**ÁRVORE GENEALÓGICA**

**DESCENDENTES E ASCENDENTES DE**

**CYRIDIÃO FERREIRA DA SILVA**

**e**

**MARIA CASTELLO BRANCO FERREIRA**

**Goiânia- 2018**



**Aos meus irmãos e demais parentes reunidos em casa de Marita, minha querida irmã, na comemoração dos 60 anos do sobrinho Maurício Ferreira Wanderley.**

**Com esta publicação, espero contribuir para que todos nós – de mamando a caducando - melhor conheçamos nossas raízes comuns, que se fixaram na generosa terra brasileira à custa de pioneirismo, esforço e trabalho.**

**Recebam meu afetuoso abraço de boas vindas e votos de felicidades.**

**Goiânia, 22 de setembro de 2018.**

**Lena Castello Branco Ferreira de Freitas**  
**[lenacastelo@uol.com.br](mailto:lenacastelo@uol.com.br)**



## **EXPLICANDO O POR QUÊ:**

**Realizou-se recentemente o II Encontro da Família Castelo Branco, em Parnaíba (PI). Convidada, não me foi possível comparecer. Soube que foi um sucesso, com a presença de centenas de nossos parentes que se reuniram para comemorar as raízes comuns, as quais remontam no Brasil ao século XVIII.**

**Nessa ocasião veio-me a ideia de, juntamente com meus irmãos Marita e Domingos, promovermos um encontro dos descendentes de nossos saudosos pais, Cyridião e Maria (Marizinha), que era Castello Branco. O que também inclui, logicamente, os Ferreira da Silva, nossos ascendentes paternos vindos de Portugal para a Bahia nos primórdios da colonização.**

**Aqui estamos, pois, reunidos festivamente e pegando carona no aniversário de Maurício – neto de Cyridião e Marizinha – a quem desejamos felicidades mil.**

**Nesta publicação incluimos:**

- 1. Árvore genealógica da descendência de Cyridião Ferreira da Silva e Maria (Marizinha) Castello Branco Ferreira.**
  - 1.1. Nota biográfica sobre o coronel Domingos Pacífico e Feliciano Rodrigues Castello Branco, pais de Maria (Marizinha) Castello Branco Ferreira.**
  - 1.2. Crônicas sobre meu pai (Cyridião) e minha mãe (Marizinha).**
- 2. Nota biográfica sobre o coronel Domingos Pacífico Castello Branco e Feliciano Rodrigues Castello Branco, pais de Maria (Marizinha).**
  - 2.1. Crônicas sobre eles e sobre a fazenda Santa Cruz, onde residiram.**
- 3. Breves notas sobre a família Ferreira da Silva, com destaque para Virgínia e Vicente Ferreira da Silva, pais de Cyridião.**
  - 3.1. Crônicas sobre eles e sobre temas correlatos.**





Casamento de Cyridião Ferreira da Silva e Maria Rodrigues Castello Branco.  
Fazenda Santa Cruz, Buriti (MA), em 21.07.1928.





**1. ÁRVORE GENEALÓGICA: descendentes de Cyridião Ferreira daSilva e Maria Castello Branco Ferreira.**

**Cyridião Ferreira da Silva, filho de Vicente Ferreira da Silva e Virgínia de Oliveira e Silva, nasceu em Araci (BA) em 16.12.1895 e faleceu em Brasília (DF) em 17.06.1983. Engenheiro civil pela Escola Politécnica da Bahia casou-se (21.07.1928) com Maria Rodrigues Castello Branco, normalista, filha de Domingos Pacífico Castello Branco e Feliciano Rodrigues Castello Branco, nascida na fazenda Santa Cruz, município de Buriti (MA), em 09.01.1907 e falecida no Rio de Janeiro em 10.07.1991.**

**São descendentes:**

F.1 – Maria do Socorro (Marita) Wanderley, nascida em Teresina (PI), em 10.11.1929. Farmacêutica e bacharel em Direito, casou-se com Lapércio Lang Wanderley, do Banco do Brasil, falecido. O casal teve quatro filhos:

N.1 – Roberto Ferreira Wanderley, nascido em Goiânia (GO), em 10.03.1957. Médico, casado com Flávia Reis e Souza Wanderley, psicóloga. O casal tem duas filhas:

Bn.1 – Patrícia Souza Wanderley Diniz, nascida em Goiânia (GO), em 21.01.1982. Bióloga, casada com Daniel Diniz, biólogo. O casal tem um filho:

Trn.1 – Pedro Wanderley Diniz, nascido em Brasília (DF) em 02.11.2013.

Bn.2 – Letícia Souza Wanderley, nascida em Goiânia (GO), em 31.12.1983. Bióloga e Médica Veterinária, solteira, sem descendentes.

N.2- Maurício Ferreira Wanderley, nascido em Goiânia (GO), em 20.09.1958. Engenheiro elétrico, casado com Vânia Lenir Silva Wanderley, licenciada em História e advogada. O casal tem duas filhas:

Bn.3 - Pollyanna Silva Wanderley Agostini Vinhas, nascida em Brasília (DF), em 23.12.1983. Bacharel em Ciências Políticas, casada com Vinicius Agostini Vinhas, bacharel em Administração de Empresas. O casal tem um filho:

Trn. 2 – Eduardo, nascido em Búzios (RJ), em 07.02.2014; menor.

Bn.4 – Júlia Silva Wanderley, nascida em Brasília (DF), em 07.06.2001; menor, estudante.

N.3 - Sérgio Ferreira Wanderley, nascido em Goiânia (GO), em 13.10.1963. Advogado, casado com Fernanda Motta de Paiva Wanderley, bacharel em Direito e Design de Interiores. O casal tem dois filhos:

Bn.5 – Renato de Paiva Wanderley, nascido em Goiânia (GO), em 25.10.1986. Bacharel em Administração de Empresas, solteiro; pai de

Trn.3 - Miguel Pereira Wanderley, filho de Talita Pereira de Maria, nascido em Goiânia (GO), em 25.02.2010.

Bn. 6 – Alessandra de Paiva Wanderley, nascida em Goiânia (GO), em 12.01.1989. Médica, solteira, sem descendência.

N.4 - Eduardo Ferreira Wanderley, nascido em Goiânia (GO), em 30.08.1965. Bacharel em Administração de Empresas, casado com Telma Nunes Ferreira Wanderley, bacharel em Letras e em Direito. O casal tem dois filhos:

Bn.7 – Ivan Nunes Wanderley, nascido em Trindade (GO), em 28.10.1997; estudante.

Bn.8 – Jade Nunes Wanderley, nascida em Trindade (GO), em 13.03.2000; estudante.

F. 2 - Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, nascida em Parnaíba (PI), em 24.01.1931. Bacharel, licenciada e doutora em História; casada em segundas núpcias, sem descendência, com Floriano Freitas Filho, bacharel em Direito, mestre em Administração e doutor em Economia. Foi casada com Lázaro Costa, bacharel em Direito, falecido em 1979, com quem houve os filhos:

N. 5- Murilo Castello Branco Ferreira Costa, nascido em Goiânia (GO), em 05.12.1955. Engenheiro civil, casado com Marisa Dell Eugênio Costa, médica. O casal tem dois filhos:

Bn.9 – Nathália Dell Eugênio Costa, nascida em Goiânia (GO), em 10.07.1992; médica, solteira, sem descendência.

Bn.10 - Murilo Dell Eugênio Costa, nascido em Goiânia (GO) em 03.01.1995; estudante de Medicina, solteiro, sem descendência.

N.6 – Virgínia Castello Branco Ferreira Costa Torres, nascida em Goiânia (GO) em 25.02.1957. Licenciada e bacharel em Física e em Economia, casada com o Comandante Gustavo Adolfo Lima Torres Neto, da aviação civil. O casal tem dois filhos:

Bn.11 – Gustavo Ferreira Costa de Lima Torres, nascido em São Paulo (SP), em 21.02.1987. Bacharel em Direito, casado com Tatiana Dafico Bernardes de Sousa Borges Torres, bacharel em Direito, sem descendência.

Bn.12 - Rodrigo Ferreira Costa de Lima Torres, nascido em Brasília (DF), em 24.08.1988. Engenheiro mecânico, casado com Gláucia Bueno Soares Torres. Pais de

Tn.4 – Raul Bueno Soares Ferreira Torres, nascido em 12.12.2017, menor.

N.7 – Fernando Castello Branco Ferreira Costa, nascido em Goiânia (GO), em 04.05.1962. Industrial, casado em segundas núpcias com Inara Ramos Caiado, advogada e bacharel em Artes, sem descendência. De casamento anterior, Inara Caiado é mãe de:

Bn13 – Nathalia Caiado Koch Pedroso, nascida em Brasília, em 14.10.1987. Bacharel em Administração de Empresas, casada com Mauro Pedroso Gonçalves, bacharel em Direito e advogado, sem descendência.

Bn14 – Tatyana Caiado Koch Ribeiro, nascida em Brasília, em 11.02.1990. Bacharel em Direito, solteira.

Do casamento com Cláudia Carvalho Costa, Fernando é pai de:

Bn.15 – Rafael Castello Branco Ferreira Costa, nascido em Brasília (DF), em 23.03.1986; engenheiro civil; casado com Karoline Richter, engenheira civil, sem descendência.

N8 – Luiza Castello Branco Ferreira Costa, nascida em Goiânia (GO), em 05.10.1963. Bacharel em Pedagogia, casada com Fernando Antônio Pereira Gomide, funcionário do Senado Federal. O casal tem dois filhos:

Bn.16 – Luiz Felipe Costa Gomide, nascido em Goiânia (GO), em 14.05.1996; estudante.

Bn.17 – Fernanda Costa Gomide, nascida em Goiânia (GO), em 26.04.1998; estudante.

F. 3 – Dina Castello Branco Ferreira Nogueurol, nascida em Parnaíba (PI), em 26.11.1933 e falecida em 22.12. 2003. Bacharel em Jornalismo casou-se com Sebastião Nogueurol, arquiteto, falecido. O casal teve três filhos:

N.9 – Ivan Ferreira Nogueurol, nascido em 1964 e falecido em 1965.

N.10 – Rosa Maria Ferreira Nogueurol Odorizzi, nascida em Goiânia (GO), em 30.06.1966. Médica veterinária e doutora em Epidemiologia e Saúde Pública; casada com Adans Batista Oddorizzi, engenheiro agrícola, bacharel em Direito e mestre em Direito Ambiental. O casal tem 3 filhos:

Bn. 18 - Andréa Nogueurol Odorizzi, nascida em Mirandópolis (SP), em 18.11.1991; bacharel em Direito, solteira, sem descendência.

Bn. 19 - Lucas Nogueurol Odorizzi, nascido em Mirandópolis (SP), em 13.05.1997; estudante de Direito, sem descendência.

Bn. 20 – Pedro Nogueurol Odorizzi, nascido em Mirandópolis (SP), em 25.01.2000; estudante de Engenharia Elétrica, sem descendência.

N.11 – Luiz Paulo Nogueurol, nascido em Goiânia, em 07.03. 1969, bacharel em Economia e doutor em História Econômica. Casado com Tereza Vinueza Freire, bióloga e mestre em Genética e Biologia Molecular. O casal tem dois filhos:

Bn. 21 – Álvaro Vinueza Nogueurol, nascido em Brasília (DF) em 27.11.1995, estudante, sem descendência.

Bn. 22 – David Vinueza Nogueurol, nascido em Brasília (DF) em 25.03.2006, menor, estudante.

F.4 – Domingos Pacífico Castello Branco Ferreira, nascido no Rio de Janeiro (DF), em 29.03.1936. Almirante da Marinha do Brasil, Submarinista, casado com Marlene Guimarães Castello Branco Ferreira, professora. O casal tem quatro filhos:

N.12 – Paula Guimarães Castello Branco Ferreira, nascida em 17.10.1969, no Rio de Janeiro (RJ). Bacharel em Administração de Empresas; casada com Jason Darren Tecklenburg. O casal tem uma filha:

Bn. 23 – Alexia Castello Branco Teklenburg, nascida em Brasília (DF), em 29.01.2008; menor, estudante.

N.13 – Gustavo Guimarães Castello Branco Ferreira, nascido em 18.02.1971, no Rio de Janeiro (RJ) solteiro, sem descendência.

N.14 – Rafael Guimarães Castello Branco Ferreira, nascido em 25.09.1974, no Rio de Janeiro (RJ). Arquiteto, casado com Joyce Mendonça Ferreira, bacharel em Administração de Empresas. O casal tem três filhas:

Bn.24 – Carolina Terra Mendonça Ferreira, nascida em 25.09.2007; menor, estudante.

Bn.25 – Joana Terra Mendonça Ferreira, nascida em 11.12.2009; menor, estudante.

Bn.26 – Gisele Terra Mendonça Ferreira, nascida em 27.08.2012, menor, estudante.

N.15 – Felipe Guimarães Castello Branco Ferreira, nascido em 30.10.1978, no Rio de Janeiro (RJ); comerciante, solteiro, sem descendência.

## **2. Nota biográfica sobre o Coronel Domingos Pacífico Castello Branco e Feliciano Rodrigues Castello Branco, pais de Maria (Marizinha).**

DOMINGOS PACÍFICO CASTELLO BRANCO, n. 07.03.1877, na fazenda Desígnio, no atual município de União, Piauí. Órfão de mãe aos dois anos de idade e de pai aos doze, teve como tutor o tio materno Sigismundo Antonio Gonçalves, sendo cotutor o tio materno Domingos Gonçalves Rodrigues.

Dos 12 aos 14 anos estudou no Ginásio Pernambucano no Recife, juntamente com seu irmão mais moço, Estevão. Do Recife seguiu para a Alemanha, ainda em companhia do seu irmão Estevão, onde passou a estudar interno no Instituto Garnier, em Friedrichsdorf, perto de Frankfurt. Seguiu para Wimbledon, na Inglaterra, de onde regressou ao Brasil, em 1895, quando contava dezoito anos de idade. Não prosseguiu estudando depois de regressar ao Brasil.

De 1907 a 1926 dedicou-se à compra de gado vacum, para a firma Pastoril, de São Luis, da qual tornou-se um dos sócios. Chegou a supervisionar mais de 54.000 alqueires (paulistas) de terra no Maranhão e Piauí. As fazendas pertencentes a Domingos Pacífico, bem como aquelas por ele administradas situavam-se em regiões próximas ao rio Parnaíba, que, servindo de divisa entre o Maranhão e o Piauí, atravessa região tipicamente de transição da caatinga para a floresta amazônica.

No Maranhão, as terras da parentela e do próprio, estendiam-se por cinco municípios situados na região onde se desenrolou a Balaiada, a saber: Buriti, Brejo, Santa Quitéria, São Bernardo e Araisos. No Piauí, as propriedades administradas por Domingos Pacífico distribuía-se por oito municípios: União, Miguel Alves, Marruás (hoje Porto), Porto Alegre (hoje Luzilândia), Parnaíba, Campo Maior, Livramento (hoje José de Freitas) e Barras, na região dos campos, embora na bacia do mesmo Parnaíba.

Domingos Pacífico tinha como atividade predominante o pastoreio, a criação extensiva de gado vacum e cavalariço, muar e caprino. O centro de operações foi sempre a fazenda Santa Cruz de propriedade de sua sogra, Victoria Antonia Gonçalves, tendo a casa grande da fazenda Santa Cruz servido a diversas gerações configurando uma família extensa sob o mesmo teto. Aí viveu durante dezoito anos sob o mesmo teto com sua esposa e sogra. Politicamente, Domingos Pacífico seguia a política de seu parente Benedicto Pereira Leite, que liderou a política maranhense de 1895 a 1906 e era casado com Angélica Gonçalves Pires Ferreira. Domingos Pacífico Castello Branco casou-se com sua prima Feliciano Rodrigues, n. 05.04.1879 na fazenda Santa Cruz. Ela estudou interna no Colégio São José, das Irmãs Dorotéias, em Recife, Pernambuco. Filha de Victoria Antonia Gonçalves e de Lino José Rodrigues.

Sobre a sociedade e meio em que viveram Domingos Pacífico Castello Branco e Feliciano Rodrigues Castello Branco é indispensável consultar o trabalho de Lena Castello Branco Ferreira Costa para que se possa ter uma ideia da vida e do mundo de um coronel dos sertões do Piauí e do Maranhão (Costa, 1978). Domingos Pacífico e Feliciano foram pais de 10 filhos, dos quais dois morreram na infância. Chegaram à idade adulta: Torquato, Pacífico, Victoria, Maria, Lino, Feliciano, Durval e Chiquinha. Com descendência:

- Maria, casada com o engenheiro Cyridião Ferreira da Silva – tiveram quatro filhos: Maria do Socorro, Lena, Dina e Domingos Pacífico, todos com descendência.
- Feliciano, casada com Newton de Brito Soares – tiveram oito filhos: Maria de Lourdes, Domingos Pacífico (falecido), Maria do Socorro (falecida), Antônio, José (falecido), Feliciano, Maria Francisca e Newton Filho; com exceção de José, todos com descendência.
- Durval, casado com Iranice Santos – tiveram quatro filhos: Vitória Isaura, Feliciano, Domingos Pacífico e Durval, todos com descendência.

Obs.: Texto extraído (com pequenas alterações e acréscimos) do livro “A mística do parentesco. Uma genealogia em construção. Os Castello Branco”. V. 5, p. 101-102. De autoria de FERREIRA, Edgardo Pires. São Paulo: Linear Gráfica e Editora, 2008.

Ainda sobre o coronel DOMINGOS PACÍFICO, ver o ensaio de autoria de COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. “Um coronel do Meio Norte”. In *Arraial e coronel. Dois estudos de História Social*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978, p. 105-206. Livro distinguido pela Academia Paulistana da História com o Prêmio Clío 1978, como o melhor livro de História Social publicado no Brasil nesse ano.

## 2.1. Crônicas sobre meu pai, Cyridião, e minha mãe, Marizinha (*publicadas no Diário da Manhã, Goiânia*).

### NO DIA DOS PAIS

*Lena Castello Branco*

Neste Dia dos Pais bateu uma saudade! Certo, toda a gente sabe que dias desse tipo são jogadas de marketing, e que a relação entre pais e filhos é cotidiana, sem agenda marcada. Mesmo assim, a data faz-me lembrar do meu querido Pai, falecido há mais de 30 anos. Céus! Há tanto tempo não o vejo, não lhe abraço, não converso com ele em pessoa!

A mais antiga lembrança que guardo de meu Pai leva-me de volta à infância. Eu teria pouco mais de três anos: estávamos na Atalaia, praia quase deserta onde passávamos férias. Era noite e havia uma fogueira sobre a duna.

A família estava reunida para comemorar o São João. Revejo o clarão da fogueira e meu Pai soltando rojões que me deslumbravam, com suas trajetórias de luz. Em certo momento, ele me pegou ao colo, sentou-me nos joelhos. De uma caixa, tirou pequenos fogos em tirinhas, acendeu-as e ficou segurando-as comigo, enquanto as “estrelinhas” se consumiam. A memória registrou para sempre aquele momento mágico, assim como o cheiro de pólvora e de maresia.

Meu Pai era um homem de feições regulares, porte elegante, austero e educado. Andava sempre bem vestido; quando estava na cidade, não dispensava o terno, a camisa social e a gravata. No campo, usava calças e camisa de brim cáqui, botas de cano alto e chapéu de abas duras, que o protegia do sol e da chuva, na rotina de sua profissão de engenheiro.

Formou-se na Escola Politécnica da Bahia. Não foi fácil: meu avô paterno era fazendeiro no interior; os filhos e filhas que iam estudar deslocavam-se para a capital, em longas viagens a cavalo e de trem. E muitas vezes tiveram de esconder-se do bando de Lampião que assombrava a região.

Recém formado, na década de 1920, foi para o sudeste do Piauí, contratado pelo Departamento de Obras Contra as Secas, criado pelo governo federal para combater (desde então!) a seca no Nordeste. Era o fim do mundo! Daqueles anos iniciais de sua carreira, contava histórias sobre jagunços e valentões, como certo Joaquim Seberba, com muitas mortes nas costas, mas amigo dos doutores que prometiam trazer água para o sertão.

Trabalhava na Estrada de Ferro São Luis-Teresina quando, numa estação ferroviária, veio a conhecer minha mãe. Ela terminara o curso normal em São Luis e voltava para casa, em companhia do pai; desceram na estaçãozinha poeirenta, a fim de seguirem a cavalo para a fazenda onde moravam.

Ao ser apresentada ao homem alto que a cumprimentou formalmente, a charmosa normalista pensou que ele fosse casado, pois o achou muito sério e velhusco - ele tinha

31 anos. Por artes de Cupido, casaram-se pouco tempo depois e viveram uma bela história de amor, que se estendeu por mais de 50 anos.

Enfrentaram dificuldades, canseiras, mudanças forçadas de residência em função do trabalho de meu Pai. Mas o amor foi mais forte, resistiu ao tempo e às diferenças de temperamento. Ele era calado, introspectivo; ela, alegre, extrovertida. Arredio, desprovido de ambições e vaidades, ele gostava de isolar-se. Sociável, ela adorava visitas - quando conversava à vontade, enquanto ele se mantinha caladão. Discretamente, ela dizia: “Fala meu bem!” E ele se esquivava com um resmungo: “Falar o que?!”

Desde pequena, via meu Pai no seu escritório a fazer cálculos, a desenhar na prancheta, a datilografar, a atender colegas e auxiliares. Ali era território proibido às crianças. Eu ficava espiando da porta, com olho comprido, sentindo o cheiro bom de tinta e de borracha que impregnava o ambiente. Às vezes, ele me mandava entrar e me deixava martelar algumas teclas da Remington: era a glória! Conhecido como Dr. Sabe-Tudo, mantinha-se atualizado como profissional e em dia com a literatura; gostava de cinema e de boa música, acompanhava a política nacional e internacional. Só não tolerava os políticos. Desses “beneméritos” – como os chamava – costumava dizer que desconfiássemos deles quando pregavam moralidade e honestidade.

Meu Pai acompanhava e incentivava nossos estudos e leituras. Comprava livros, fazia questão que tivéssemos professores de idiomas estrangeiros e assinava para nós a revista *Tico-Tico*, cujos heróis eram Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Eu adorava as aventuras da trinca e com ela me identificava. Como fosse gulosa e gorducha, ele passou a chamar-me carinhosamente de Bolão; e assim o fez, até eu chegar à adolescência. Daí em diante, só o fazia em momentos especiais - como no dia do meu casamento quando, entrando na igreja ao som da marcha nupcial, ele me deu o braço e falou: “Vamos, Bolão!”

Bem velhinho, sofreu um AVC e passou a depender de outras pessoas. Com seu temperamento independente, sofreu muito, dadas as limitações da doença. Ia vê-lo todos os dias; encontrava-o sentado numa cadeira de balanço na varanda, os fartos cabelos de outrora convertidos em flocos de algodão. Beijava-o no rosto, perguntava pela saúde e ele dizia que estava bem. Nunca se queixou, mas foi definhando, a velhice minando o vigor do homem forte que ele fora.

Dá um aperto no coração lembrá-lo assim. Prefiro revê-lo saudável, pisando firme, saindo no jipe de serviço para descobrir novas passagens para a ferrovia que teria Cuiabá como ponto final, em cujo projeto trabalhava – e que nunca foi concluída, com o advento da chamada “era rodoviária” na década de 1960.

Ternura, gratidão, saudade – o que dizer nesse dia ao meu Pai, homem justo e bom, exemplo de retidão e de dedicação à família e à pátria, à qual serviu sem alarde, com absoluta honestidade e reconhecida competência? Seu exemplo está comigo, está conosco, com seus filhos, netos e bisnetos – dos quais três engenheiros seguem orgulhosos seus passos.



## NO DIA DAS MÃES

*Lena Castello Branco*

Dizer que Dia das Mães são todos os dias do ano é repetir o óbvio. Mesmo distantes, mesmo apartadas dos filhos pelos mais diversos motivos, as mães não se esquecem deles e sempre os têm no âmago do coração. Quanto mais os anos passam mais os sentimentos se aprofundam, até porque a velhice faz com que aceitemos melhor os defeitos do próximo; e, além das nossas próprias, as imperfeições dos filhos.

Com a idade, igualmente, as lembranças da infância ganham contornos nítidos, avultando a lembrança da figura materna. Minha mãe, Maria – a quem todos chamavam Marizinha – era charmosa, voluntariosa e até certo ponto irreverente. Dentre oito irmãos, era a filha predileta do pai, que lhe escolheu o nome em razão de um voto à Virgem Maria, mas que jamais revelou qual o objeto da promessa.

Filhas de fazendeiros. Marizinha e a irmã mais velha aos sete anos de idade foram para a cidade de Parnaíba, estudar em um colégio de freiras. Passaram a morar em casa de uma prima, casada com o inglês Mr. James Clark. Onde a meninazinha curiosa se intrigava com os requintes dos parentes cosmopolitas, que se empenhavam em introduzir no calor piauiense o “five o’clock tea”. No casarão da Casa Inglesa, começou a despertar-lhe o senso crítico que haveria de acompanhá-la por toda a vida.

Na etapa seguinte, intercalando férias na fazenda dos pais com o colégio – agora interna em São Luis (MA) – ela concluiu o Curso Normal, habilitando-se ao magistério. Em companhia do pai, quando voltava para casa, conheceu um moço “alto, magro e com jeito de casado” (nas palavras dela). Duas semanas depois, ele foi visitar meu avô e hospedou-se na fazenda, onde havia cinco moças casadoiras – sendo minha mãe a mais nova.

Imagine-se o rebu! Um engenheiro bem apessoado, caindo do céu entre tantas moças que esperavam marido! Tímido, ele evitava demonstrar claramente o interesse por uma delas; pelo que fazia longos passeios na companhia de meu avô, à sombra das mangueiras do pátio. Entretanto - Marizinha contava – ela tinha certeza de que “era comigo”. Até que o enamorado pretendente “se declarou”, como então se dizia. Ficaram noivos. Foi o começo de um amor que se estendeu por quase sessenta anos de casamento.

Vejo-a numa fotografia de quando ela tinha vinte anos: olhos grandes, inteligentes; lábios generosos; cabelos cortados “à la garçonne”. Usa adereços elegantes: um “pendentif” e flores delicadas no vestido escuro.

Meu pai era engenheiro civil e especializou-se na construção de estradas de ferro, pelo que nós residimos em diferentes regiões do país. Do Piauí fomos para Santa Catarina – e nunca ouvi de minha mãe uma palavra de crítica ou de censura por tantas mudanças radicais. Pelo contrário: ela sempre elogiava o marido, sua capacidade profissional e honestidade pessoal. Alegre, sociável e educadíssima, procurava adaptar-se a novos costumes e novas condições de moradia. Muito embora, na intimidade, permanecesse fiel aos valores herdados dos pais e cultivasse um forte sentido de união familiar,

mantendo contactos com os parentes distantes. O que não era fácil, numa época em que não havia telefone interurbano, celular ou Internet.

Minha mãe lecionou durante algum tempo na escola primária que havia na fazenda do pai. Demitiu-se quando se casou, mas cultivava ideias de independência feminina. Em nossa casa, prevalecia a certeza de que casamento não é profissão; e que às mulheres era preciso estudar e impor respeito pela competência e pelo comportamento pessoal.

Meus pais gostavam de ler e sempre fomos incentivadas a fazê-lo – de revistas e jornais a bons autores nacionais e estrangeiros. De igual modo, D. Marizinha cultivava atitudes pedagógicas avançadas: em nossa casa, não havia castigos físicos - a não ser um que outro beliscão, que a meninada certamente merecia! Brincava-se, ria-se, contavam-se casos, falava-se de namoros e paixões; mas não se diziam palavrões, nem se tolerava a mentira. Boas maneiras eram indispensáveis, até pelo exemplo dos mais velhos.

Muito cedo, nós, as filhas, tivemos professores de educação física, de piano e de línguas estrangeiras. Estudamos em colégio interno, pois nas pontas de linha aonde chegavam os trilhos não havia bons colégios. No curso científico, fomos para o Instituto La-Fayette, no Rio de Janeiro – instituição avançada, com laboratórios experimentais, teatro-escola e ginásio esportivo. Imagino o quanto de sacrifício deve ter custado aos meus pais, que não eram ricos, propiciar-nos tal nível de educação formal, visto como prioridade absoluta.

D. Marizinha amava porcelanas finas, cristais e pratarias. Como não havia empresas especializadas nem caminhões-baú, lembro-me dela abrindo caixas e retirando travessas e taças quebradas, quando chegou nossa mudança a Goiânia. Ela chorou. Meu pai consolou-a: “Não chore, meu bem. Vou lhe dar outras mais bonitas.” Cumpriu a promessa.

Paro por aqui. São tantas as lembranças: minha mãe como avó, a Vó Dindinha de seus tantos netos; minha mãe idosa, cuidando de meu pai que sofreu um AVC. Ela e suas roseiras – que ele trouxera de São Paulo, indo comprar-lhe as mudas na Roselândia.

Em um dos dias mais tristes de minha vida, coube-me remover da urna mortuária os restos mortais de minha mãe. Ao vê-los – tão poucos e tão frágeis – afligiu-me a precariedade da condição humana. Ao lado da esperança da imortalidade, ao menos na lembrança daqueles a quem amamos e que um dia nos amaram.

## 2.1. Crônicas sobre os Castello Branco e a fazenda Santa Cruz, onde nasceu Marizinha (*Publicadas no Diário da Manhã, Goiânia*).

### TANTOS ANOS...

#### (I)

#### *Lena Castello Branco*

Tempo de Natal. Tempo de reflexão e introspecção.

A memória guarda flashes do passado e é sempre seletiva, às vezes traiçoeira. A tendência é preservar o bom, o prazeroso, o agradável e bonito. Mas o que foi dor permanece, mesmo quando virou cinza a brasa ardente que queimou, que doeu, que deixou marcas.

Como resistir à tentação de comparar o ontem e o hoje? Digo aos meus netos que, na fazenda dos meus avós não tínhamos energia elétrica, nem rádio, nem telefone e – menos ainda – televisão, computador, Internet. Os jovens ficam intrigados: “O que você fazia?” – querem saber.

Havia tanto a fazer! O dia começava com orações matinais, no quarto de dormir; em seguida, o pedido da bênção aos mais velhos, a família reunida em torno da grande mesa rústica.

Depois do leite com biscoitos e beijus, ia ajudar Teté, minha tia e madrinha, a recolher os ovos nos galinheiros. Ela me entregava uma caixinha de madeira e levava um lápis de ponta grossa, para anotar o dia da postura e a galinha poedeira. Começávamos pelas de raça vermelha, depois as brancas e finalmente as pedreses que eu achava lindas.

Os cercados de tela acompanhavam o declive do morro, do lado do engenho. Empregados passavam e cumprimentavam: “Bom dia, D. Vitorinha”. Ela respondia com gentileza e perguntava pelos filhos, pela saúde dos pais ou da mulher. Às vezes, repreendia o encarregado das casinholas e dos poleiros que não estavam bem limpos, ou mandava trocar a água dos bebedouros. Ao final, a caixinha estava cheia de ovos, que eram levados para a despensa e consumidos segundo a ordem das anotações.

Completado o giro, o sol ia alto sobre as copas das árvores. Pegava a camisola de banho, feita de chita, punha tamancos nos pés e seguia para o riacho. Com outras meninas – minhas irmãs ou filhas dos agregados - descia a rampa de pedras em direção ao pomar. Ultrapassada a escadinha sobre a cerca, do lado esquerdo ficava o pé de groselha; à direita, as arazás; mais além, um jambeiro muito alto, inacessível para as crianças menores que não alcançavam seus frutos amarelos.

E havia as magueiras, filas de magueiras frondosas, de variedades sem conta e generosidade sem igual. Os galhos vergavam ao peso das frutas; era fácil subir neles ou, simplesmente, estender os braços e pegar as mangas maduras, suculentas. Dependendo da época, colhíamos cajus ou quebrávamos bacuris, produzindo um som cavo que ecoava na água. Em pratos de ágata, levávamos punhados de farinha, à moda nordestina. À beira do riacho, cada qual vestia sua camisola; sentávamos sob o dossel das juçareiras e merendávamos.

Agora, era mergulhar nas águas claras, vendo no fundo as piabinhas que nadavam entre os reflexos do sol filtrado pelas ramas. Uma hora, duas horas de banho: pulos da

ribanceira, apostas de quem nadava mais rápido, caldos, brincadeiras. Nas margens do riacho, apanhávamos porções de tabatinga e esculpíamos bonecos que púnhamos a secar.

O sino tocava, chamando para o almoço. A fome era muita e a comida simples: nunca mais saboreei arroz igual, feito no azeite de babaçu! Verduras da horta de minha avó; carnes variadas, de capão, de galinha, de leitoa, porco ou carneiro, além de gado curraleiro, às vezes fresca, quase sempre seca e salgada, exposta ao sol. Com certa frequência, havia caças: paca, veado e tatu eram iguarias que resultavam em pratos deliciosos. Em época de pescarias, vinham peixes frescos da fazenda Escalvados, onde uma imensa lagoa fazia a felicidade dos pescadores. No almoço, comiam-se frutas à sobremesa; no jantar, doces caseiros, compotas de frutas; excepcionalmente, leite-creme, blamange com ameixas, ovos nevados.

Seguindo a hierarquia doméstica, as crianças assentavam-se no fim da mesa e deviam postar-se educadamente, mas não havia carrancismos. A conversa era animada e dela participávamos, contando nossas proezas ou simplesmente ouvindo os mais velhos, que também nos escutavam com benevolência.

Na hora da sesta, respeitava-se a soneca dos adultos. Era um momento de absoluta liberdade, que aproveitávamos para ir à cozinha, estar com as empregadas e provar do que comiam, que me parecia delicioso: torresmo, feijão com carne seca, cambica de buriti. De modo especial, eu gostava da velha Esperança, que tinha sido escrava e contava histórias do cativo, algumas terríficas, como a da sinhazinha que, enciumada, ao ouvir o marido elogiar os dentes de uma mucama, mandou arrancá-los.

- Como era o nome dela? - eu queria saber.

- Ela não morava aqui, Nanhã. De vez em quando ela vinha visitar a Branca Véia – desconversava a ex-escrava.

Horrorizada, eu ficava a matutar: seria uma das irmãs da minha bisavó, que moravam no Recife? Jamais desvendei tal mistério.

## (II)

Debaixo da latada de bougainville, havia uma casinha que meu avô mandou fazer para as netas. O teto era de palha e o chão, de terra batida. Nos esteios, pendurávamos redes para as bonecas; em um fogãozinho de pedras, fazíamos comidinhas de verdade – e ficávamos orgulhosas, quando os adultos aceitavam nossos convites e vinham tomar chá conosco. De minha madrinha, eu ganhei um aparelho de porcelana branca, enfeitada com botões de rosa: tinha xícaras, bule e açucareiro e era o meu orgulho, motivo de inveja das outras meninas. Dele, ainda restam algumas peças que sobraram das muitas viagens e mudanças – bem como um bauzinho de madeira e folhas de Flandres, pintado de bege, onde guardava as roupas das “minhas filhas”.

Para os dias de semana, tínhamos bruxinhas de pano, feitas à mão. À mão eram também costuradas suas roupas de retalhos coloridos. Nos finais de semana, dias santos e aniversários, podíamos brincar com nossas bonecas “de loja”, de massa ou de galalite, espécie de plástico que então era novidade. Meu preferido era o Luis Carlos – carequinha e gorducho, que parecia um bebê de verdade. Num dia de desobriga, levei-o

para batizar vestindo uma camisola branca, como se fosse uma entre outras crianças. O padre percebeu a brincadeira, sorriu com indulgência e seguiu em frente; afinal, eu era a neta predileta do amável coronel que o recebia gentilmente, entre conversas amenas e almoços caprichados.

No dia-a-dia, aprendi a fazer ponto de cruz e renda de bilro; brinquei de pegar nos cômodos do casarão, quando evitava passar perto do cavalete onde ficavam os arreios e as selas, morada de besouros zumbidores a que chamávamos “cavalo do cão”. Nos quartos do puxado, os baús tauxiados guardavam redes e roupas antigas; vez por outra, podíamos usá-las em pequenas encenações teatrais, quando recitávamos quadrinhas infantis. Com o passar do tempo, o repertório foi ampliado passando a incluir “I-Juca Pirama”, “Meus oito anos”, “Canção do exílio” e tantos poemas mais.

Era uma festa quando minha avó fazia biscoitos de polvilho e íamos ajudá-la, recortando as asas de pequenas juritis feitas com de massa de polvilho, que seriam assadas nos fornos de lenha. Durante a moagem de cana, além de garapa e melado, refinava-se açúcar e fazia-se puxa-puxa. Mentalmente, vejo as bolas que se formavam ao contacto com a água fria e sinto seu cheiro adocicado.

Uma ou duas vezes por semana, havia que tratar do jardim. Contendo espécies variadas, nele não se cogitava de atender a preocupações estéticas: sua finalidade era fornecer flores para adornar os altares da capelinha ao lado. Nos canteiros, havia lírios de São José, perfumadas borboletas e jasmims, veludos, dedais de ouro, uma que outra roseira colocada sobre jiraus, inacessíveis às formigas que eram muitas. Com o regador, tirávamos água de um painelão de ferro que ficava sob a torneira – e que me intrigava, porque, em outros tempos, servira para cozinhar comida para os escravos.

No jardim, moravam alguns jabutis. Eu gostava de alimentá-los com bananas e folhas; subia em seu casco, fazendo-os andar, no seu modo desajeitado e pachorrento. Alguém um dia me advertiu: “Menina que brinca com jabuti não se casa”. Pelo seguro, deixei os bichos em paz.

Dos meus animais de estimação, a preferida foi uma veadinha malhada, arisca e graciosa. Ganhei-a de presente de um empregado que era caçador. Cerquei-a de cuidados: dei-lhe leite em mamadeira, feita com uma garrafa e um bico de borracha; arrumei uma caminha de palha na bolandeira; não deixei faltar água fresca. Achei que tinha conquistado sua afeição, pois vinha comer na minha mão – mas, uma noite, ela desapareceu. Os adultos procuraram confortar-me, dizendo que era animal selvagem, que não se acostumaria ao cativo. Mas eu chorei, desconsolada.

Ao lado da casa-grande, pés de jasmim Cayena cobriam-se de buquês rajados em amarelo e vermelho, às vezes entremeados de enormes lagartas coloridas, que era preciso exterminar. Em frente, um jatobazeiro secular abria a copa, sombreando parte da rampa que levava ao pátio. Uma das diversões favoritas da criançada era descê-la, correndo e equilibrando-se sobre as muretas laterais. Ao sopé do morro, um cruzeiro de madeira, pintado de vermelho, carregava os símbolos do suplício de Jesus: a lança, a escada, a esponja, o galo que cantou três vezes... Além, mangueiras formavam duas filas; quando havia luar, suas folhas lançavam sombras rendadas sobre a relva. Ao longe, ouvia-se o murmúrio do riacho da Prata.

Nos dias de chuva, jogávamos baralho, ou damas, ou gamão, em um tabuleiro de

madeira entalhado; um pequeno copo de couro servia para lançar os dados. Brincávamos de adivinhação, de anel, de pular corda dentro de casa – e até andávamos de velocípedes, nos varandões que a cercavam.

### (III)

A rede canta nos armadores ao impulso dos meus pés descalços. O teto em telha vã filtra a luz. Lá fora faz calor, que é amenizado pela sombra das árvores próximas quando a brisa sopra nas folhagens.

É hora de ler. E ler é viajar por terras distantes, é mergulhar no tempo, é fazer amigos, é conhecer coisas, pessoas, paisagens, cheiros e sons. Descobri cedo a magia da leitura. Devorava a revistinha “O Tico-Tico” e, sendo gorducha, ganhei o apelido de Bolão, o amigo inseparável de Reco-Reco e Azeitona. Minha mãe adorava romances que lhe vinham pelo correio. Entre seus muitos afazeres, meu pai encontrava tempo para acompanhar o que havia de mais moderno na literatura – de Stephan Zweig a Remarque, Hemingway, H. G. Wells e Somerset Maugham. Às escondidas, tentei ler aquela prosa adulta, que achei chata e difícil de entender. Anos depois, iria rever meu julgamento.

Nós, crianças, cedo conhecemos Monteiro Lobato e Viriato Correia, que nos encantava com a história do menino Cazuza em Miritiba, pequena vila maranhense que se transmudava em microcosmo. Líamos e relíamos velhos clássicos do universo infantil: Grimm, Perrault, Andersen. Seguindo a tradição nordestina, também nos familiarizamos com as proezas de Carlos Magno e os Doze Pares de França; com as desventuras de Genoveva de Brabant; com os lances cômicos de Pantagrue e do Barão de Münchhausen. D. Quixote e Sancho Pança eram nossos conhecidos, assim como Hércules, Jason e os Argonautas.

Cultura européia colonizada - dirão alguns. Talvez tenham razão... Todavia, aquela miscelânea de histórias, que integram o cerne da cultura ocidental, teve o condão de abrir nossas mentes para horizontes que extrapolavam o mundo circundante e descortinar além da nossa aldeia.

Da leitura ao exercício da escrita foi um passo. No ginásio – segunda fase do ensino fundamental – fazíamos uma redação por semana. A mestra de português, madre Bezerra, propunha temas que desenvolvíamos na forma de composição, dissertação, relatório ou poema, este reservado a quem se sentisse “inspirado”. Era compulsória a leitura de bons autores, com a obrigação de comentá-los; e havia intermináveis sessões de análise léxica e sintática, que incluíam estrofes de “Os Lusíadas”.

Acidentalmente, descobri Eça de Queiroz em uma Seleta que trazia um capítulo de “O primo Basílio”. Obras desse autor figuravam no *Index Librorum Prohibitorum*, relação de livros condenados pela Igreja Católica como nocivos à moral e à fé. Por um cochilo da mestra, ali estava o demônio ao meu alcance: fiquei fascinada! Tempos depois, descobri a coleção completa de Eça no sótão da casa de meus tios, onde eu passava os domingos quando saía do internato. Cheguei a decorar trechos de “Os Maias”, “A cidade e as serras”, “O crime do Padre Amaro”, “A Relíquia”... Com destaque para os belíssimos contos escritos na velhice, nuançados pela idade e pelo

reencontro do cáustico escritor lusitano com a amada (embora implacavelmente criticada) terra natal.

Os tempos ainda eram de influência francesa, já agora disputando com autores ingleses, russos e norte-americanos. Comecei por Dumas, passei por Victor Hugo, Balzac e Daudet; quando encontrei Maupassant, foi um caso de amor à primeira vista que se manteve para sempre. Na versão francesa, conheci Dostoievski e Tchecov, além de Tolstoi e Maiakovski. Recitei *Ballade des pendus*, *Le lac*, *Chanson d'autonne*; no curso colegial, iria descobrir a musicalidade da língua espanhola e vibrar com Garcia Lorca, Gabriela Mistral e Pablo Neruda – admiração que aumentou com a leitura de Garcia Marques e tantos mais.

Perdoem-me se pareço esnobe, citando tantos autores estrangeiros. No sistema de educação vigente na minha juventude, privilegiavam-se as Humanidades e a Literatura ocidental – e ninguém foge ao seu tempo e à sua circunstância. Ainda que sem citá-los nominalmente – para não me estender demais - gostaria de lembrar também os escritores nacionais e, sobretudo, os goianos com os quais me identifiquei, mas a quem descobri tardiamente, dadas as circunstâncias de minha vida pessoal.

O amor à literatura é algo que se entranha na mente e na sensibilidade, e dura para sempre. Tendo como consequência lógica a vocação e a disposição de escrever, de traduzir em palavras a vida que se vive ou que se imagina viver ou ter vivido.

Mas essa é outra história, que fica para o próximo capítulo dessas (tantas) lembranças.

#### (IV)

Que me perdoem os leitores, se os fatigo com lembranças de um mundo que definitivamente acabou em algum momento desses anos tantos... Voltar ao passado é o caminho natural dos velhos – os cronologicamente dotados, como se diria de maneira politicamente correta.

Revolver nossas próprias raízes é mais do que exercício sentimental; é também reposicionamento no mundo, busca de entendimento do por que e para que da vida que se escoia no crepúsculo.

Entre os guardados nos baús, havia grandes álbuns com fotografias engastadas em folhas de papelão encorpado, que recendiam a naftalina. Neles, era possível conhecer antepassados até três gerações, remontando aos meados do século XIX. Todos fazendeiros, agricultores e criadores de gado. Como o trisavô Estevão, cuja principal propriedade tinha o incomum nome de “Contente” – seria este um estado de espírito? Talvez ele assim o tenha exigido: o daguerreótipo amarelado registra-o com roupa de vaqueiro, um peitoral de couro protegendo a camisa de tecido que parece grosseiro. Tem cabelos curtos e revoltos, a fisionomia aberta, o queixo determinado. A memória familiar evoca-o como senhor de vastas terras e rebanhos incontáveis; e que precisou enfrentar as sortidas de bandidos que infestavam o sertão piauiense, ao tempo da Balaiada.

Trisavô é também o senhor da feitoria do Maracujá, Domingos José Gonçalves: conheço-o em seu retrato ovalado que pouco mostra além do rosto, o colarinho duro e a gravata de plastron. É um homem bonito, de feições finas, olhos grandes, boca bem

traçada; no todo, uma aura de sagacidade e inteligência. Morreu de repente, antes de completar 40 anos, deixando viúva e 10 filhos, além de vastas plantações de algodão, que exportava para a Inglaterra. De sua mulher, a trisavó, D. Torquata, não se conhece imagem da juventude, mas tão somente um retrato de décadas depois – marcando a incongruência de um casal em que o marido está na força da idade e a esposa, no ocaso da velhice. Ela não quis casar-se novamente. Há uma carta em que recusa possíveis pretendentes; era letrada, lia versos românticos e tinha como livro de cabeceira a “Imitação de Cristo”. Sozinha, educou filhos e filhas: os homens frequentaram faculdades em Pernambuco e no Rio de Janeiro; por artes da política imperial, um deles – Segismundo Gonçalves - foi deputado geral por Goiás. As mulheres tiveram preceptores de línguas, ciências, artes e prendas domésticas – e casaram-se nas melhores famílias nordestinas.

Na geração seguinte, o bisavô Pacífico ostenta porte de fidalgo e pose senhorial, sentado em uma cadeira de espaldar alto, tendo ao lado a bisavó (também) Torquata. Atrás, um reposteiro compõe o fundo que se quer urbano e civilizado. Ele está de fraque, usa barba curta, tem certo ar pensativo, talvez bondoso. Era liberal e abolicionista, convicto e praticante. Ela veste saia drapeada com anquinhas, blusa de gola alta, cabelos cuidadosamente penteados; parece bem mais jovem do que o marido, de quem é a segunda esposa. Os adereços indicam posses: ele ostenta corrente a abotoaduras de ouro; ela traz um leque de renda e trancelim com medalhão. Residem na fazenda do Desígnio – outra denominação inusitada – num sobrado que se debruçava sobre o Parnaíba, numa curva do rio. Como oficial da Guarda Nacional, ele organizou e em parte financiou um batalhão de voluntários; comandou-os na Guerra do Paraguai, pelo que foi condecorado pelo Imperador.

Outro bisavô - Lino José - é menos formal: encara à vontade o retratista. Parece descontraído e até alegre, guardando embora a dignidade que o momento exige, quando sua imagem é fixada para o futuro. Usa terno claro, talvez de linho; sobre o colete, a indefectível corrente de ouro; no dedo anular esquerdo, um anel faz as vezes de aliança. Pelos caminhos da sucessão familiar, veio ter às minhas mãos; já o transferi para minha neta mais velha. Da esposa, a bisavó Victoria, há informações mais precisas: é uma velhinha simpática, o olhar risonho, o coque protocolar não conseguindo domar os cachos brancos e rebeldes. Dizem que era diligente, alegre e caridosa. “Sinhá Branca” ou “Branca Véia” – assim a chamavam, pela cútis clara e os olhos azuis. Na fazenda Santa Cruz, já viúva, viveu a transição do regime escravista para o trabalho livre; de algum modo, assegurou a volta dos ex-cativos quando, passada a embriaguez da liberdade, pediram para trabalhar como assalariados ou agregados.

Muito cedo, D. Victoria separou-se de filhos e filhas, que foram estudar nas capitais distantes - inclusive minha avó, Feliciano, que foi interna no colégio das irmãs Dorotéias, no Recife. Durante anos, dadas as dificuldades de comunicação e transporte, ela não veio a casa sequer durante as férias escolares. Sua filha, Maria – minha mãe – iria tornar realidade um antigo sonho da família: foi a primeira professora normalista da escola criada para ministrar educação formal aos descendentes daqueles ex-escravos. Dali viriam a sair alguns (futuros) advogados, médicos e normalistas.

Nos serões da infância, ao contemplar tais retratos, ouvindo historietas que os



faziam palpitar de vida, eu ficava pensando em como seria a vida naquele mundo de outrora que as imagens faziam apenas intuir. Hoje me pergunto: que valores informavam os sonhos, as decisões, os esforços dessas personagens remotas que – bem ou mal – foram agentes civilizatórios?

Quando leio sábios autores que sempre apontam os proprietários rurais como desalmados coronelões – violentos, maus, mesquinhos, desonestos – comparo tais assertivas com as pessoas que, a partir da magia da imagem capturada, eram postas sob meus olhos. Viveram em contextos muito diversos daquele que conhecemos. Além dos genes, transmitiram a nós – seus descendentes – a capacidade de expressão e de comunicação na língua portuguesa; a inserção no universo espiritual do cristianismo; a valorização da inteligência e do conhecimento, pela crença no estudo e no saber.

Sem dúvida, herança mais valiosa do que as “braças de terras” que as partilhas feitas em sucessivas gerações tendem a minimizar e relativizar.

### (V)

Não poderia encerrar esse mergulho na infância – tantos, tantos anos atrás - sem lembrar as devoções e rezas que se faziam na capelinha da Fazenda Santa Cruz. Minha avó e suas filhas – inclusive minha mãe - eram profundamente religiosas, educadas que foram em colégio de freiras. Meu avô, com formação humanística adquirida na Europa – onde estudou – tinha convicções agnósticas, mas aceitava de bom grado o que seria a “carolice” da esposa e das filhas. Afinal acreditava-se que a religião era necessária para as mulheres, as crianças e os empregados; aos homens, cabia prestigiá-la como veículo de civilização e disciplina. Em um único ponto ele se mantinha intransigente: não permitia que se confessassem com o pároco da cidadezinha próxima, notoriamente amasiado com a mãe de seus numerosos “afilhados”.

Vivia-se a religião católica no dia-a-dia, entre orações matinais e novenas à noite, quando se celebravam os padroeiros: São Sebastião, que a todos protegia da peste, da fome e da guerra; Nossa Senhora das Vitórias, que iria bem conduzir-nos entre as procelas da vida; Santa Bárbara, que afastava as tormentas, os raios e os trovões.

No mês de maio, cultuava-se a Mãe de Deus; em junho, o Coração de Jesus. Era também o tempo das festas juninas. Na capela, havia um lindo quadro de São João, com o cordeirinho no colo; outro - a visitação de Maria a Santa Isabel - era uma tela a óleo, cópia italiana do original de Leonardo da Vinci, em moldura dourada que brilhava à luz das velas. A Madona da Cadeira também nos olhava carinhosamente, com o gorducho Infante no colo – e pareciam tão próximos e familiares!

No terreiro da frente preparava-se o bumba-meu-boi que seria encenado na noite festiva, quando havia bandeirolas e pau de sebo. O sino tocava, os moradores e empregados vinham participar; rezava-se, erguia-se o mastro, acendiam-se as fogueiras. O auto de Pai Francisco, Catirina e o boi provocava risadas. Nós, crianças, tínhamos um boizinho feito com armação de madeira e pano colorido, sob o qual se viam as canelas finas de um moleque que saltitava, enquanto aplaudíamos e soltávamos fogos. Estrelinhas, traques, rodinhas, alguns foguetes e rojões eram trazidos por meu pai, que vinha da cidade para compartilhar conosco aqueles momentos.

Fagulhas subiam ao céu, na noite escura, com as estrelas luzindo no alto. Servia-se

garapa, bolos “de goma” e pés de moleque; quando a fogueira virava braseiro, assávamos milho verde e batata doce. As moças faziam sortes que revelariam os futuros consortes. Infalível – dizia-se - era enfiar uma faca virgem num caule de bananeira; ao retirá-la na manhã seguinte, estariam desenhadas na lâmina as iniciais do príncipe encantado. Quando uma das minhas tias festejou as letras que dizia ter visto, procurei vê-las também; mas enxerguei somente borrões indistintos. Ela estava enganada ou enganava-se a si mesma, pois faleceu octogenária e solteira.

No Natal, os preparativos começavam muitos dias antes. Limpava-se toda a capela, inclusive os bicos de gás de carbureto que a iluminavam, a chama azulada bruxoleando dentro do lampadário de Murano, em forma de tulipa. Levados dentro de uma bacia esmaltada para a beira do riacho, os castiçais de prata eram escrupulosamente areados. Na mesma água límpida, lavava-se a camisa rendada do Menino Jesus. Na Noite Santa, Ele repousava nuzinho na manjedoura, no centro da pequena gruta de “biscuit” que uma redoma de cristal protegia. Seria vestido por Teté, minha tia e madrinha, que cuidava da capela, suas alfaias e ornamentos.

Um pouco antes da meia noite, o sino tocava, reverberando ao longe o convite para a celebração. Acendiam-se as velas; familiares e serviçais uniam-se nas preces, a voz de contralto de minha avó sobrepassando às demais, quando entoava o “Glória in excelsis Deo”. Era lida a passagem do Evangelho sobre o nascimento do Menino Jesus; agradeciam-se as bênçãos recebidas, rezava-se por parentes e amigos distantes ou falecidos.

Seguiam-se cumprimentos e votos de feliz Natal. Na ceia, a mesa era arrumada com louças finas, copos e talheres condizentes. Nas fruteiras rendilhadas, havia arranjos de frutas e flores. Servia-se chá com bolos e rabanadas – o peru e o vinho ficavam para o almoço do dia 25. Entre os adultos, trocavam-se pequenas lembranças; às crianças, dizia-se que deveriam recolher-se, pois durante a noite Papai Noel deixaria presentes para quem tivesse sido bem comportado e obediente. Nem era preciso insistir: acostumada a dormir cedo, eu já cochilava vergonhosamente na capela e, mal me deitava, o sono vinha.

No dia-a-dia, a capelinha de entalhes neoclássicos era carinhosamente enfeitada. Nos jarros, sempre havia flores frescas e perfumadas: jasmims, rosas, lírios de São José. Os paramentos ficavam guardados dentro do altar, assim como o missal, o cálice e a patena usados nas celebrações. Havia uma casula branca, bordada com fios de ouro, que tinha nas costas, em relevo, a efígie do Cordeiro Pascal - era linda! Na minha imaginação de menina, ficava a fantasiar Jesus nos campos da Judéia a pastorear carneirinhos, os quais imaginava roliços, a branca lã espessa como os que ruminavam no pátio da fazenda.

Como católicos praticantes, recebíamos as publicações da Igreja e seguíamos à risca as recomendações emanadas da hierarquia eclesiástica. O Papa era referido sempre como Santo Padre. O bispo local, reverenciado como Senhor Bispo, de quando em vez passava alguns dias de férias no casarão hospitaleiro de meus avós.

Lembro-me da visita de D. José Delgado, arcebispo do Maranhão, anunciada com antecedência, como de praxe naqueles tempos de comunicação lenta e transportes difíceis. A notícia veio em uma carta, que foi entregue pelo seu Pedro Correio – o

diligente mensageiro que recolhia a correspondência na agência dos Correios na cidade e a trazia em “malas”, sacolas de lona impermeável conduzidas na garupa de um jumentinho.

### (VI)

Receber hóspedes “de cerimônia” – como então se dizia – era complicado e dava muito trabalho. Sendo grande o grupo, havia que providenciar os alojamentos segundo a hierarquia consagrada pela tradição. Assim é que para o arcebispo D. José Delgado foi destinado o quarto do padre, no corpo principal da casa. No meio do cômodo, uma rede branca, feita em tear manual; engastada entre as folhas da janela, a cômoda refletia-se no espelho do toalete. No canto, uma cama de molas, pois talvez o Senhor Bispo a preferisse – com lençóis e fronhas bordadas, e toalhas de mão em linho com longas franjas trançadas. Ao lado, o criado-mudo onde ficava o urinol; em frente, um lavatório com tampo de mármore, bacia, jarra e saboneteira em porcelana decorada. Afixados nas paredes, cabides torneados. O mobiliário completava-se com uma cadeira de balanço e bancos para as malas. Não faltava o balde esmaltado para as águas servidas, nem flores em um jarro.

O vigário-coadjutor ficaria no quarto ao lado, um pouco menor; as irmãszinhas que compunham a comitiva iriam para o corredor do puxado. Como havia muita gente e o casarão estava cheio, ao sacristão coube a companhia dos empregados da loja, no pátio, além das casas do engenho.

Paralelamente, era preciso cuidar da alimentação. E como tudo quanto se consumia era produzido ali mesmo, as providências iniciais incluíam sacrificar animais – bois, carneiros, capões, perus, algumas caças. Colhiam-se frutas com que se faziam doces; reviam-se antigas receitas de bolos, que levavam dúzias de ovos e libras de manteiga. Na despensa, em altas compoteiras Luis XV, eram vertidas compotas de bacuri, doces de jaca, laranja, caju e goiaba. A queijeira de cristal recebia queijo do Reino, que eu, esperançosa de ganhar um pedaço, ajudava a retirar das meias-luas de metal vermelho.

Minha avó e as tias corriam o dia todo, na azáfama de bem receber os hóspedes. Aos homens competia garantir a iluminação e a água corrente. Revisado o gasômetro, lavavam-se as mangas de cristal rendilhado que protegiam os bicos de gás. Os fotomobiles – espécie de luminárias de opalina – recebiam velas novas; lampiões de querosene, castiçais, veleiras e lamparinas eram distribuído pelos muitos cômodos, de maneira a propiciar o conforto possível.

Um burro – motor movido a óleo – jogava água do riacho na imensa caixa de ferro que ficava no meio do terreiro. Às vezes, o burro enguiçava; e só havia uma pessoa que o fazia funcionar a contento, o Chico Vaz, primo de minha avó e mecânico intuitivo, mas dado a porres homéricos. Foi advertido de que se comedisse, pois que, para tão ilustres hóspedes não poderia faltar água.

Na parte litúrgica, também havia muito a fazer: ver quantas crianças seriam batizadas, quantos crismas ministrados, quantos casamentos abençoados. De permeio, Teté preparava meninos e meninas para a primeira comunhão; reunia-os na varanda do jardim e, catecismo à mão, ensinava a doutrina em voz alta e cantada:

- És cristão?

- Sim. Sou cristão pela graça de Deus.
- O que é ser cristão? ... E assim por diante.

Hoje, eu me indago se aquelas crianças entendiam o que eram obrigadas a decorar, sob o olhar enérgico da mestra: o mistério da Santíssima Trindade; a virgindade de Maria Santíssima; a transubstanciação da hóstia consagrada. Certo é que todos compareciam à catequese, limpinhos, alguns ainda com os cabelos molhados do banho recente. Entre esquecimentos e frases gaguejadas, eram finalmente declarados aptos a receber a comunhão. Os meninos ganhavam uma camisa nova, branca, além da vela litúrgica; que as meninas também recebiam, assim como um vestido (igualmente branco) e um véu de filó, com grinalda de florzinhas.

Ficava-se de ouvidos atentos ao rumor do carro que traria os visitantes. Ei-lo que chega e, num arranco, sobe a rampa e estaciona no terreiro da frente. Na ponta da varanda, o sino repica em boas vindas. D. José é o primeiro a saltar: alto, corpulento, rosto cheio, sorriso simpático; em seguida, descem os acompanhantes. Na recepção cordial servem-se licores, fala-se da viagem e de amigos comuns. Depois de breve descanso, a visita à capela – centro da vida da família e, agora, daquela pequena comunidade engastada no sertão maranhense, tão longe e, no entanto, tão perto da comunhão da Igreja.

Seguiram-se dias de animação geral; para nós, crianças, tudo era novidade e curiosidade. A maior de todas: queríamos saber se o Senhor Bispo tomava banho no riacho; e – se tomava – se o fazia nu ou vestido; e se estivesse vestido, que roupa usaria? A mais afoita das meninas prontificou-se a espiar, escondendo-se no mato próximo ao banheiro dos homens, recanto fechado que ligava uma à outra margem do riacho. Ficamos tentadas a aceitar; mas alguém mais pudente lembrou que teríamos de nos confessar - e como confessar pecado de tal gravidade?

D. José sorria com indulgência, intuindo nossa curiosidade e irreverência. Perguntava pelos estudos e planos para o futuro. Um dia, quis saber quantos anos eu tinha; respondi e perguntei qual a idade dele. “Poderia ser seu avô”, ele disse. Não acreditei. D. José parecia vender saúde; meu avozinho querido morrera, há muitos anos, depois de tanto sofrer, tão magro e tão velhinho!

Na celebração festiva do domingo, seriam ministrados os sacramentos; já no sábado, havia filas de penitentes, aguardando a vez de confessar-se. Eu gostava de ajudar Teté, preparando o altar, enchendo de água a jarra dos batizados, trocando as velas nos candelabros. Depois da missa, para os meninos e meninas da primeira comunhão haveria bolos e chocolate quente, que todos nós adorávamos, a despeito do calor.

Na mesa dos adultos, discursos: oh! os intermináveis discursos da oratória nordestina! Meus tios esmeravam-se. Os temas eram recorrentes: a satisfação de receber os hóspedes, a esperança de que fosse duradoura a união entre amigos e parentes, a saudade dos que já tinham partido. Havia lágrimas, a emoção estropiando as palavras.

Lembranças de um mundo outro que se foi, mas que, não obstante, jamais se extinguiu inteiramente. Indeléveis ficaram as fisionomias, as vozes, os cheiros, os espaços: a velha casa de rótulas azuis; a capela, o jardim, as varandas... E, tantos anos

depois, é-me dada a felicidade de reviver tudo isso, na nova Santa Cruz, erguida no planalto goiano, tendo em frente o vale que se agasalha sob as bênçãos do Divino Pai Eterno.

A varanda da frente abre-se para o crepúsculo; o horizonte tinge-se de vermelho que esmaece em tons de ocre, cinza e azul. Mais que tudo, aqui está a família reunida. Como não agradecer a Deus?

3. Breves notas sobre a família Ferreira da Silva, com destaque para Virgínia e Vicente Ferreira da Silva, pais de Cyridião.

VICENTE FERREIRA DA SILVA (1854-1932) - nasceu em Brejo do Tracupá (Tucano, BA); era filho de Maria Messias da Silva, da vila do Raso; conhecida por Mariazinha, foi casada com Ângelo Fabiano de Carvalho, com quem teve um filho de nome Eufrosino. Mariazinha e Ângelo eram primos em primeiro grau e descendentes de José Ferreira de Carvalho, fundador da vila do Raso (depois Araci- BA). Não se sabe se Mariazinha era viúva ou separada do marido, quando houve um filho com Justino dos Santos Barbosa (de Feira de Santana, BA) – de nome Vicente, tido como ilegítimo segundo os padrões da época.

-x-x-x-

Fundador da vila do Raso, José Ferreira de Carvalho era homem instruído, dinâmico e empreendedor. A tradição familiar registra que foi recebido em audiência pelo Imperador D. Pedro II; nessa ocasião, pediu ao soberano que o ajudasse a conservar a propriedade das 20 léguas de terras que adquirira da Casa da Ponte e era questionada por herdeiros/sucedores desse morgadio. É possível que o encontro tenha acontecido na visita do Imperador à cidade de Feira de Santana, em 1859.

O Capitão José Ferreira – como se tornou conhecido - era construtor de estradas – no que antecipou a vocação para a Engenharia em muitos dos seus descendentes. Em sociedade com um de seus genros, fechou contratos com o governo da Província para construir uma estrada que ia de Alagoinhas a Monte Santo; e outra, do Tucano a Feira de Santana. Referidos contratos foram publicados no Almanak da Indústria e Comércio da Bahia; os documentos originais estão no Arquivo Público da Bahia.

-x-x-x-

Na década de 1840, uma das filhas de José Ferreira de Carvalho, Rita Constantina de Oliveira (casada com seu primo, Virgínio Eloy de Oliveira) recebeu como presente do pai a gleba denominada Poço das Madeiras. Esse local foi descoberto pelo próprio desbravador, José Ferreira e seus escravos. Quando exploravam as terras do Raso, encontraram um poço muito grande no leito do Riacho dos Tocós, que intercorre a região. Da mata em redor, extraía-se madeira que era ali depositada, para fazer cercas e construir casas – de onde o nome: Poço das Madeiras.

Rita Constantina e Virgínio Eloy de Oliveira tiveram dez filhos e muitos netos, dentre os quais a anteriormente referida, VIRGÍNIA CONSTANTINA DE OLIVEIRA – nascida na fazenda das Madeiras - que viria a casar-se com seu primo VICENTE FERREIRA DA SILVA. Eram irmãos de Virgínia o Tenente Amerino Oliveira Lima e Paulo da Conversão Ferreira. O primeiro destacou-se pelo amor aos estudos, motivo pelo qual seu pai contratou um mestre escola para ensinar os filhos e demais crianças da fazenda. O que explica o fato de Virgínia e suas irmãs serem alfabetizadas e terem um nível de educação formal superior às mulheres de seu tempo.

O Tenente Amerino Oliveira Lima tornou-se figura de destaque na vida política e cultural de Araci; de igual modo, seu irmão Paulo da Conversão Ferreira (conhecido como Paulo das Madeiras). Este era muito religioso, vindo a ser uma espécie de conselheiro da Igreja Matriz, como braço direito do pároco. Era ele quem organizava a festiva Missa dos Vaqueiros, de grande afluência popular.

-x-x-x-

De acordo com relatos verbais, VIRGÍNIA tinha 16 e VICENTE, 18 anos, quando se apaixonaram mutuamente. A despeito de eles serem primos, a família de Virgínia opôs-se ao casamento, dado que Vicente era filho ilegítimo, além de provir de um ramo da família economicamente menos favorecido.

Consta que Vicente era muito bonito, alto, de presença marcante, além de bom violeiro e seresteiro. Certo é que os jovens enamorados fugiram a cavalo, durante a noite e buscaram abrigo em Araci, na casa da madrinha de Vicente. A quem ele entregou a custódia de sua amada, até que um padre em desobriga os casou, segundo o rito da Santa Madre Igreja Católica.

Vicente trabalhou arduamente como comerciante de gado; adquiriu e formou uma bela fazenda – Recreio, dotada de todo o conforto e próxima de Araci. Dedicou-se à política, seguindo o Partido Republicano (PR), que tinha como chefe regional o Barão de Jeremoabo, o coronel Cícero Dantas Martins. Durante a Velha República, elegeu-se Intendente de Araci em três legislaturas e deixou um legado de iniciativas e obras importantes para o município, ainda hoje lembradas.

Virgínia dedicou-se às funções de esposa e mãe, e alfabetizou todos os filhos. É de supor-se que sua influência tenha sido decisiva para que eles adquirissem elevados níveis de instrução formal, para o que a família mantinha casa em Salvador (BA), onde se localizavam colégios secundários e escolas de nível superior.

VIRGÍNIA E VICENTE FERREIRA DA SILVA foram pais de:

- **Áurea** – normalista; professora primária em Araci, onde ensinou gerações de aracienses.
- **Benjamim** – falecido na primeira infância.
- **CYRIDIANO** – (1895-1983) – engenheiro civil formado pela Escola Politécnica da Bahia; especializou-se na construção de ferrovias e ingressou mediante concurso público no Departamento Nacional de Estradas de Ferro. Trabalhou em sua especialidade no Maranhão Piauí, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Goiás e Brasília (DF). Casou-se com MARIA RODRIGUES CASTELLO BRANCO.

Foram pais de:

- Maria do Socorro (Marita)
- Lena
- Dina
- Domingos

- (ver texto anterior).

- **Deraldina** - normalista e cirurgiã-dentista pela Escola de Odontologia da Bahia. Foi professora e odontóloga do sistema educacional do Estado da Bahia, atuando no interior e na capital do Estado (Salvador). Casou-se com Paulo Teixeira Filho. Sem descendência.
- **Esmeraldo** – Formado pela Escola de Comércio da Bahia. Foi intendente municipal de Araci e Deputado Estadual na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Casado com Mosinha (desconhece-se o nome); foram pais de:
  - Almir
  - Almiro e
  - Airton, todos falecidos.

- **Furkim** – engenheiro agrônomo pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) de Piracicaba (SP). Laureado com prêmio de viagem à Europa. Professor substituto na cadeira de Química Inorgânica na ESALQ; faleceu prematuramente (1932). Casou-se com Maria Luíza Franco, de Piracicaba. Sem descendência.
- **Gusmão** – falecido na primeira infância.



### 3.1. Crônicas sobre os Ferreira da Silva (*publicadas no jornal Diário da Manhã, Goiânia*).

#### RAIZES

*Lena Castello Branco*

Na tarde quente de novembro, atendo o telefone e uma voz desconhecida identifica-se: é alguém de nome Pedro Juarez, ligando de Araci, na Bahia. Deseja falar comigo mesma, chama-me de “professora” e diz corretamente meu nome e os (compridos) sobrenomes. Coloco-me à disposição e começamos uma agradável conversa.

Araci é uma cidade localizada a cerca de 200 quilômetros da capital da Bahia, na região Noroeste do estado. Fica à margem da BR-116, no semi-árido, próxima de Serrinha e Tucano, município do qual foi desmembrada, em 1890, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso – depois Vila do Raso, rebatizada como Araci em 1904. Por ali passavam as manadas de gado da Casa da Torre de Garcia D’Ávila cujas sesmarias iam do litoral baiano ao Piauí.

Meu saudoso pai nasceu em Araci. Nunca tive oportunidade de visitar a localidade; mas sei que meu avô paterno foi seu intendente (prefeito), e minha tia Aurinha, professora de gerações de aracienses. Tenho notícia também de que meus avós paternos tinham casa na Praça da Matriz, mas residiam na fazenda do Recreio, na encosta de uma serra próxima.

Pergunto ao meu interlocutor como descobriu meu telefone e ele diz que foi pela Internet. Está bem informado: conhece meu currículo, é leitor do blog que mantenho e me encontrou também no Facebook... É muita perseverança, penso eu, e muita tecnologia!

O papo engrena: sinto-me feliz em falar com um conterrâneo dos meus parentes baianos, que conheço pouco. Recém formado em engenharia civil pela Escola Politécnica da Bahia, meu pai, Cyridião Ferreira da Silva, foi trabalhar no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, no Piauí e no Maranhão, aonde viria a casar-se com minha mãe.

Por motivos diversos, manteve-se afastado de Araci e da Bahia até aposentar-se, quando passou a residir em Salvador. Com minha mãe, fez uma visita aos velhos pagos, mas voltou desencantado: nada mais havia da fazenda ancestral e as pessoas que encontrara não eram as mesmas do seu tempo. É a sina dos idosos e dos saudosistas: guardados na memória, os lugares e as fisionomias mantêm um viço que a realidade inexoravelmente desbota e corrói.

Pedro Juarez identifica-se como pesquisador da história de Araci e diz-se interessado em ter notícias dos descendentes do coronel Vicente Ferreira da Silva, meu avô paterno. Acrescenta que ele foi pessoa de destaque no município; e que a cidade agora se empenha em ampliar o conhecimento de sua própria história, inclusive com a instalação de um Museu e um Centro de Cultura.

De conversa em conversa, chegamos à conclusão de que somos parentes: Juarez é tetraneto de uma irmã da minha avó Virgínia, filhas do proprietário da fazenda das Madeiras, afamada na região. Naqueles tempos distantes, receberam educação formal, ou seja, sabiam ler, escrever, fazer contas, conheciam a doutrina cristã, talvez arranhassem o francês – o que as distinguia da maior parte das moças de seu tempo.

Na crônica da família, é celebrada em prosa e verso a história de amor tecida entre Virgínia e Vicente. Os dois jovens eram primos: ela, do ramo rico da família; ele, do lado pobre. Ela, estudada e prendada; ele, de poucas letras, com um violão a tiracolo, pervagava pelo sertão fazendo serestas e negociando com gado.

Vicente era alto, desempenado, olhar inteligente e feições bonitas – e logo conquistou o coração da priminha letrada. O pai dela opôs-se ao namoro, de forma irredutível. Irremediavelmente apaixonados, fugiram numa noite sem lua. Respeitoso, o jovem enamorado levou-a na garupa do cavalo para Araci, onde a entregou aos cuidados da madrinha. Ali, ela ficou bem guardada, até que veio o padre em desobriga e os casou. E Vicente prometeu à amada: ele lhe daria uma casa melhor do que a de seus familiares; e todos os filhos que viessem a ter seriam doutores.

Cumpriu o prometido. Empreendedor e dinâmico ampliou o negócio de gado: até na distante São José do Duro, em Goiás, ele mantinha prepostos que negociavam em seu nome a compra de boiadas. Na estação da seca, Vicente ia pessoalmente fazer os pagamentos e conduzir as manadas para Feira de Santana, onde as engordava e vendia. Era algo ciclópico: vencer centenas de léguas a cavalo, em um mundo rústico e selvagem, sem os mínimos confortos da civilização; e repetir esse périplo ano após ano. Talvez lhe amenizassem as noites as notas do violão, dedilhado sob a luz das estrelas.

Não satisfeito, o intrépido sertanejo montou um curtume de peles de cabras, que exportava para os Estados Unidos. Os frutos de tantos trabalhos e canseiras permitiram-lhe educar os filhos em Salvador da Bahia e formá-los em cursos superiores. E não somente os homens: seguindo a tradição de mulheres letradas na família, minha tia Deraldina, que era normalista, veio a formar-se na Escola de Odontologia da Bahia, uma das primeiras moças baianas a fazê-lo.

Ainda haveria muito a contar. Pedro Juarez – meu recém conhecido parente – também tem histórias e documentos interessantes para comentar. Vamos trocar informações e figurinhas. Com a certeza de que este é apenas o primeiro reencontro com raízes bem plantadas em solo baiano.

## MONTARIA JUMENTAL

*Lena Castello Branco*

Tema que me fascina é o da sobrevivência e predominância da cultura ocidental e cristã no Novo Mundo. Sem entrar no mérito - ou demérito – do processo de ocupação/dominação do continente americano, imaginemos como terá sido sofrida e difícil a fixação dos colonizadores que se decidiram a enfrentar a aventura do desconhecido, em terras que viriam a ser brasileiras.

A partir de núcleos litorâneos, tais pessoas entraram sertão adentro, com o que povoados e vilarejos se formaram também no interior. Teriam como núcleo ideal a família, religiosa e legalmente constituída – o que nem sempre aconteceu. Arranjos diferenciados existiram, com ou sem a chancela das leis e das autoridades. E crianças nasciam, a cada dia em maior número.

Cedo cuidou a Coroa portuguesa de catequizar o gentio e manter fiéis os habitantes das novas terras descobertas. Com a criação das escolas de ler e escrever dos jesuítas teve início a transposição dos elementos básicos da cultura ocidental e cristã para o Novo Mundo.

Isolados e frouxamente dispersos, os núcleos populacionais consolidaram-se a partir dessa herança cultural, transmitida de geração em geração - em um primeiro momento pelas próprias mães, que ensinavam aos filhos a língua portuguesa e as orações. Seguia-se a ação da igreja, levando assistência espiritual e inculcando valores cristãos na sociedade em formação. Ressalte-se também o papel desempenhado pelos mestres-escolas e professoras de primeiras letras, que pouco a pouco se espalharam por toda a parte.

Não era fácil, contudo, frequentar a escola regular e adquirir instrução formal. Entre os parentes de meu saudoso pai – os Ferreira da Silva, do sertão baiano - há uma personagem que a memória familiar consagra na Velha República: o Tenente (honorário) Amerino Oliveira Lima (1859-1955). Bisneto do fundador da Vila do Raso (hoje Araci), ele nasceu na fazenda do Poço das Madeiras, onde residiam seus pais e irmãos. Muito cedo demonstrou grande interesse e facilidade em aprender – pelo que seu pai contratou um professor para lecionar na fazenda.

O jovem destacou-se entre os colegas e progrediu rapidamente nos estudos. Na época, prevalecia o método “de ensino mútuo” – em que os alunos mais adiantados (decuriões) ensinavam os mais atrasados. Designado pelo mestre para tal função, Amerino desempenhou-a bem, até concluir o curso primário.

Desejava prosseguir os estudos, mas não tinha condições de manter-se na capital do Estado, com vistas a matricular-se em um Liceu ou colégio secundário. Resolveu estudar por conta própria, sem prejuízo do trabalho na fazenda e dos encargos da política, que o atraíam. Sequioso de conhecimentos em áreas que incluíam agronomia, pecuária, medicina e farmácia, não relutava em comprar livros, dicionários e compêndios especializados; também assinava revistas e jornais editados em Salvador da Bahia e na capital da República, o Rio de Janeiro. Como o fazia? Através de quais meios ou instituições?

Textos biográficos informam que, para vencer as distâncias que o separavam dos maiores centros culturais do país, Amerino mantinha um estafeta para condução de correspondências e objetos de reembolso postal em alforjes – espécie de sacos de couro. Como tesouros valiosos, livros e demais impressos chegavam às mãos do ávido leitor em uma montaria jumental – vale dizer: eram conduzidos passo a passo em lombo de jumento!

Nos tempos de hoje, de comunicação instantânea e até abusiva, é difícil reviver o clima de expectativa que certamente precedia à abertura de tais alforges. Lidas talvez à noite, à luz de velas de sebo ou de lampiões de querosene, muitas das lições, informações, notícias e novidades seriam de difícil entendimento para o estudioso solitário. De algum modo, contudo, durante décadas ele as assimilou, processou e divulgou entre seus conterrâneos, vindo a ser considerado um sábio. Respeitado e admirado, foi o mentor e coordenador da emancipação política da vila do Raso; tornou-se pioneiro na perfuração de cisternas na região do semiárido e na plantação da palma; dedicou-se à apicultura e era visto como “médico leigo” na região, diagnosticando doenças e receitando fórmulas.

Vencendo dificuldades sem conta, Amerino cultivou e fez multiplicar seus próprios talentos, em eloquente exemplo de como o esforço individual bem orientado pode resultar em realização pessoal e benefícios para a sociedade.



## **GALERIA DE FOTOS**



Cyridião Ferreira da Silva (1895-1983)



Furkim Ferreira da Silva (1902-1929)



Esmeraldo Ferreira da Silva (1900-1982)



Maria Rodrigues Castello Branco – ca. 1928





Casamento de Cyridião e Marizinha; no pátio da fazenda Santa Cruz. Automóvel dos noivos (ao centro) e dos convidados.



Cyridião com a esposa e filhos



Domingos Pacífico Castello Branco (ca. 1900).



VIRGÍNIA E VICENTE FERREIRA DA SILVA, com os filhos. Da esquerda para a direita: Cyridião, Deraldina, Esmeraldo (sentado no colo do pai) e Áurea (de pé, à direita). Foto ca. 1899 .



Vicente e Virgínia Ferreira da Silva. Foto datada de Queimadas (BA) em 1921



Cyridião e a irmã Deraldina